

IMPROVISANDO E APRENDENDO A LÍNGUA ESTRANGEIRA

Amarílis Aurora Aparecida VALENTIM¹

RESUMO: Como professora de língua estrangeira, desejávamos propiciar aos aprendizes uma abordagem interativa e dinâmica que lhes permitisse um desenvolvimento mais completo das habilidades na língua-alvo. Assim, pensamos na hipótese de fazer uso de técnicas teatrais em sala de aula com o fim de fornecer aos educandos um contexto de comunicação próximo ao do real e o treinamento de que fala Weiss, necessário ao desenvolvimento da competência comunicativa. Em nossa aplicação prática, pudemos notar que o uso de técnicas teatrais como a improvisação e o esquete facilita e qualifica o ensino da língua estrangeira, permitindo a criação de um universo comunicativo propício e fundamental ao processo de ensino/aprendizagem de FLE, como aponta Yaiche, além de favorecer a interação, a ativação e o aprimoramento de conhecimentos anteriores e de gerar motivação.

RÉSUMÉ: Comme professeur de langue étrangère, nous avions le désir de permettre aux étudiants un développement interactif et dynamique des habilités en langue-cible. Ainsi, nous avons choisi travailler avec des jeux théâtraux en classe. Notre pratique en salle de classe nous a permis d'observer la création d'un univers communicatif, que selon Yaiche est fondamental pour le processus d'enseignement d'une langue étrangère, où l'activation des connaissances préalables et l'acquisition de nouvelles structures linguistiques ont lieu. Aussi, nous avons remarqué l'épanouissement de l'interaction et de la motivation chez les étudiants.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas considerações a respeito do uso de atividades teatrais no ensino de língua estrangeira e de como aplicá-las no âmbito da sala de aula.

Ao escolhermos trabalhar com atividades de improvisação teatral no ensino de língua estrangeira objetivamos que nossos alunos tenham um desenvolvimento mais natural, interativo e completo das competências nessa língua.

Essa escolha está associada à concepção de língua e de ensino que adotamos. Esta se baseia na proposta de Porcher (2004) para quem a língua:

D'ABORD il ne s'agit pas seulement d'un savoir abstrait du réel, mais d'un savoir-opérer qui permet d'être acteur de la vie au lieu de la regarder passer... Son utilité se caractérise clairement par la capacité à communiquer, c'est-à-dire à comprendre et à se faire comprendre.

Ou seja, a língua é veículo de comunicação e sua finalidade reside em permitir ao falante se comunicar com outros falantes.

Dessa forma, o ensino deve ser capaz de permitir ao aprendiz:

Une capacité à agir dans la langue étrangère et avec elle.

¹ Mestranda da FFLCH/USP. Agradecimentos ao CNPq pela bolsa de mestrado junto à FFLCH-USP.
E-mail: amarilis@usp.br.

POR QUE O USO DE ATIVIDADES TEATRAIS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Segundo François Weiss (1983), se quisermos que nossos alunos adquiram uma competência comunicativa que lhes permita resolver problemas que irão enfrentar em situações diversas de comunicação em língua estrangeira, é preciso proporcionar-lhes um treinamento útil e estimulante, mesmo num contexto limitado e artificial como o da sala de aula.

Pensamos que uma das maneiras de fornecer esse treinamento é propor atividades que favoreçam a comunicação de forma interativa e integrada, numa atmosfera de espontaneidade. Cremos que as atividades teatrais cumprem esse papel, pois:

Durante o jogo todos se encontram no tempo presente, envolvidos uns com os outros, fora do subjetivo, prontos para a livre relação, comunicação, resposta, experimentação².

Ora, essa livre relação, essa comunicação que exige resposta e propicia a experimentação é fundamental para o ensino de língua e capacita o aluno a realizar com autonomia sua *competência comunicativa*. Além disso, quando a comunicação ocorre numa situação de espontaneidade há o favorecimento não só da aprendizagem de novas formas lingüísticas como a ativação de conhecimentos anteriores necessários à comunicação.

Segundo Yaiche (1996) as atividades teatrais são:

une manière de faire entrer le réel dans l'univers de la classe, ce réel qui est le plus souvent laissé à la porte de la classe et qui n'apparaît que d'une façon fantomique, épisodique, et donc desarticulée au gré d'exercices faits autour de questions existentielles³

Não se trata de um simples faz-de-conta. Trata-se de uma real atuação, entendida como colocar em ação conhecimentos não só lingüísticos como sociais e individuais.

A partir disso, concordamos com a afirmação presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais de que:

“Os usos das linguagens e seus códigos só são possíveis pela **prática**, mesmo que em situações de **simulação escolar**”⁴.

As técnicas de simulação, segundo Weiss (1983), proporcionam aos alunos deparem-se com situações de comunicação variadas como ocorreria na situação real de comunicação e os obriga a fazer uso da língua estrangeira. Ao nosso ver, mais do que isso o ato de jogar propicia uma abertura à expressão oral em língua estrangeira, à criatividade e à partilha.

² SPOLIN, Viola. *O jogo teatral no livro do diretor*. Trad. Ingrid. D. Koudela e Eduardo Amos. São Paulo, Perspectiva, 2001, pg. 19.

³ Yaiche, F. *Les simulations globales: mode d'emploi*, Hachette, 1996, Vanves, p.11 "é uma maneira de fazer o real, tão frequentemente deixado às portas da sala de aula, de nela entrar. Real este que quando aí aparece não é senão de forma episódica e desarticulada por meio de exercícios em torno de questões existenciais".

⁴ Parâmetros Curriculares Nacionais/Ensino Médio, p. 11 e 65.

O QUE É PRECISO PARA INTRODUIZIR AS ATIVIDADES TEATRAIS EM SALA DE AULA

Ao trabalharmos com atividades lúdicas e jogos teatrais devemos atentar para elementos importantes. Primeiramente, e sem dúvida nenhuma, é extremamente necessário criar um ambiente de não-competitividade, um ambiente de tolerância, favorável às discussões e trocas comunicativas as mais autênticas possíveis. Isso não quer dizer que jogos de competição sejam proibidos, ao contrário, eles são ótimos motivadores. Acontece, porém, que estes são dinâmicas um pouco mais desgastantes e requerem cuidados.

Para favorecer um ambiente cooperativo nada melhor do que o trabalho em grupo. Ainda mais por que:

O jogo é uma **forma natural de grupo** que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência.⁵ (Grifo nosso)

Quando divididos em pequenos grupos, os alunos podem interagir e construir juntos o conhecimento da língua estrangeira.

Só isso não é o bastante. É preciso ainda criar o prazer de jogar e mostrar que as atividades fazem parte de um programa e têm objetivos claros.

Contudo, um alerta é importante. Há uma questão intrínseca ao ser humano que muitas vezes gera bloqueio: É a necessidade de obter aprovação, ou o medo da desaprovação alheia.

Para minimizar essa barreira é imprescindível que haja uma:

Atmosfera onde as atitudes permitam igualdade entre professor e aluno e as dependências do aluno pelo professor e vice-versa sejam eliminadas⁶.

Em seguida, sobretudo quando se tratar de atividades de improvisação, é preciso assegurar aos estudantes que não se espera deles uma performance, mas que as atividades teatrais têm como objetivo lhes permitir uma certa liberdade de expressão, sem medos, seja do erro ou do outro. O que se deseja é suscitar a comunicação e o prazer de falar, comunicar, experimentar a língua-alvo, romper barreiras. EXPERIENCIAR.

Deixar claro também que:

Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar...*Aprendemos através da experiência.*⁷ (grifo nosso).

Além do que,

Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais para o jogo em si, através do próprio ato de jogar".⁸

E, as técnicas teatrais não são algo "sagrado", só para talentosos, mas antes de tudo:

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

As técnicas de teatro são *técnicas de comunicação*.⁹

Igualmente, quando se trabalha com jogos é necessário que estes obedeçam a uma estruturação clara, que tenham regras e objetivos precisos, pontos de apoio à criatividade e à execução da tarefa.

Quando se tratar em especial de atividades de improvisação, não se pode permitir que a atividade se desenvolva de maneira fluida, ao prazer das simples emoções e manifestações do EU. Tudo deve se passar em torno de um PROBLEMA a resolver, de um objetivo a atingir. Com isso, temos o motor dos jogos teatrais como proposto por Spolin (1978).

Só que para o jogo se concretizar deve-se primar pela manutenção do FOCO. As regras e diretrizes iniciais são fundamentais para que os JOGADORES saibam como proceder, contudo, se não há o foco, a tendência natural é que ao longo do JOGO outras direções sejam tomadas e o problema não seja resolvido. Além disso, o FOCO favorece a eliminação do medo da aprovação/desaprovação e evita que o indivíduo se exponha como tal.

Quando o foco parece desaparecer e os jogadores se perdem e não conseguem resolver o problema é então que entra em cena uma outra palavra importante para o sucesso da atividade: INSTRUÇÃO. É por meio da instrução que o professor-diretor auxilia os jogadores a não perderem o foco e a se manterem na atividade teatral. É preciso, porém, não ceder à tentação de dizer como os jogadores devem fazer. A instrução é um auxílio e não uma ordem de execução. O caminho para a solução do jogo deve emergir da relação dos jogadores uns com os outros, de seus esforços e nunca de fora da área de jogo.

Realizado o jogo, algo de fundamental resta: a AVALIAÇÃO.

Para proceder à avaliação a primeira necessidade é ter quem avalie. Quem seria?

Talvez o leitor respondesse: O professor.

Entretanto, este é o último a se pronunciar.

Entramos aqui com um dos valores mais importantes desse tipo de trabalho: o valor de GRUPO.

Nesse momento, não são comentários individuais, julgamentos de valores, mas opiniões críticas (não no sentido negativo) de dois grupos: PLATÉIA e JOGADORES. Um esclarecimento é necessário. A platéia à qual nos referimos não são os amigos, parentes, alunos de outras turmas, mas os colegas de sala. Enquanto um grupo joga, os colegas têm a missão de observar qual será a resposta do grupo para o problema proposto. Toda avaliação deve favorecer a troca de experiências e reside em elementos como concentração, solução do problema, comunicação, a integração e interação entre os participantes. Dizer se foi bom ou ruim, não agrega elementos de real valor e não favorece o crescimento dos participantes.

Assim, da mesma forma quando avaliados os jogadores não devem se justificar. Devem escutar a opinião dos colegas e saber explicar por que um dado procedimento foi utilizado em cena ou, sendo o caso, aceitar como preferível a proposta dos colegas.

Como o momento da avaliação é normalmente fértil é interessante que, havendo tempo hábil, o jogo seja refeito a fim de que as modificações sugeridas tanto pela platéia como pelos próprios jogadores possam ser experimentadas.

⁹ Idem.

ALGUNS BENEFÍCIOS REFERENTES À ADOÇÃO DE PRÁTICAS TEATRAIS PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Segundo Massaro (2001), ao trabalhar com as práticas teatrais no ensino de francês língua estrangeira, este pôde notar que os alunos apresentaram:

- Desenvolvimento e/ou aperfeiçoamento significativo da expressão oral em língua estrangeira.
- Redução da ansiedade e da falta de autoconfiança em frente ao processo comunicativo em língua estrangeira.
- Elaboração das dimensões lingüísticas já adquiridas (no âmbito fonético-fonológico, morfológico e sintático, lexical e textual).

Além do que as atividades teatrais propiciaram o desbloqueio do aluno diante da necessidade de comunicar-se.

Segundo Weiss (1983), as técnicas teatrais de simulação:

- Proporcionam aos alunos ocasião de se deparem com situações variadas o tanto quanto possível como ocorreria na situação real de comunicação já que o ambiente da sala de aula não seria o lugar ideal para a comunicação autêntica.
- Obrigarão os alunos a fazerem uso da língua estrangeira.

Com nossa prática, também notamos em nossos alunos um sensível aperfeiçoamento da expressão oral em língua estrangeira e do próprio ato de jogar a cada nova proposta. Quanto mais os alunos se "expunham", mais hábeis eles se tornavam e mais à vontade se sentiam. Isso por que quanto mais o aluno se envolve com o ato comunicativo, menos ansiedade ele apresenta e mais "ousado" ele se torna, permitindo-se explorar novas formas, outras maneiras para cumprir o objetivo comunicativo traçado.

Um outro benefício dos jogos é a voz que se dá ao corpo, elemento tão esquecido atrás da carteira e tão presente num ato comunicativo real. Sabemos que junto com estruturas, palavras e som, o corpo participa do ato comunicativo, podendo até contradizer as palavras. Dessa maneira, quando se cria um *problema* para ser solucionado em jogo, o aluno de língua estrangeira estará fazendo uso dos mais variados elementos tal qual em situação de comunicação real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembremo-nos de que o fato de inserir atividades lúdicas e teatrais no ensino de uma língua estrangeira exige um trabalho cuidadoso, sério, adequado ao público e aos objetivos do curso para que possa ser visto como válido e ser motivante aos alunos.

Essa proposta privilegia o trabalho em pequenos grupos e requer, para seu bom êxito, a criação de um ambiente de solidariedade entre os participantes.

Não podemos nos esquecer que são as orientações claras e precisas que favorecem a execução das atividades.

Como muitas vezes trabalhamos com a criatividade não devemos apressar os alunos. Alguns necessitam sentir-se à vontade para realizarem o que lhes foi pedido. É claro que é necessário controlar o tempo de aula, mas não vamos lembra-los a cada segundo.

Porém, não se esqueça: todos os exercícios terminam com a solução do problema proposto. Os alunos têm um problema a resolver, portanto devem fazê-lo. Se isso não ocorre, o professor deve, por meio das instruções, conduzi-los para que assim concluam a atividade.

O mesmo vale para quanto os alunos se tornarem impacientes e estáticos durante as atividades. Normalmente será necessário: descanso e novo FOCO.

Não se esqueça do mais importante: Se o ambiente for alegre e livre de autoritarismo, todos “entrarão no jogo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- MASSARO, P. P. (2001). *Teatro e língua estrangeira, entre teoria (s) e prática (s): percurso entre o vislumbre e o olhar*. Dissertação de mestrado em Letras. São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1988). *Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental*. Brasília.
- _____. (1988). *Parâmetros Curriculares do Ensino Médio*. Brasília.
- PORCHER, L. (2004). *L'enseignement des langues étrangères*. Hachette: Education, Paris.
- SPOLIN, V. (1978). *Improvisação para o teatro*. Perspectiva: São Paulo.
- WEISS, F. (1983). *Jeux et activités communicatives dans la classe de langue*. Hachette: Paris.
- YAICHE, F. (1996). *Les simulations globales: mode d'emploi*. Hachette: Vanves.